

# *Uma acompanhante não é só uma acompanhante: Experiência e subjetividade no mercado do sexo diversificado de São Paulo*<sup>1</sup>

**Carla Beatriz Campos (Unifesp/SP)**

**Palavras-chave:** prostituição, mercado do sexo, subjetividade.

## **Resumo**

Pretendo neste trabalho apresentar e discutir algumas das questões às quais minha pesquisa de mestrado chegou e que integram a pesquisa de doutorado em andamento. Apresento as duas interlocutoras que conheci durante a pesquisa de mestrado e que acompanharei de forma contínua e aprofundada durante o doutorado. O objetivo do trabalho é debater a diversidade do mercado do sexo existente na cidade de São Paulo, ilustrada a partir de notas de campo, e introduzir uma discussão sobre o que essa diversidade representa em termos de experiência e de subjetividade, considerando os relatos das interlocutoras da pesquisa.

## **Introdução**

Neste trabalho pretendo discutir alguns dos resultados aos quais a pesquisa de mestrado<sup>2</sup> chegou e como, a partir deles, a pesquisa de doutorado<sup>3</sup> em andamento foi desenvolvida. Tenho o objetivo de debater a diversidade constitutiva do mercado do sexo na cidade de São Paulo, a fim de propor uma discussão sobre como esta diversidade se relaciona com a experiência e a subjetividade de mulheres inseridas neste universo social. Para tanto, baseio-me em notas de campo e nos relatos das interlocutoras da pesquisa, obtidos desde a pesquisa do mestrado.

A pesquisa de mestrado, realizada entre 2019 e 2022, teve como objetivo apreender o atendimento prestado a mulheres que trabalhavam com sexo em um serviço de saúde especializado em Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e questões

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> *Entre profissionais da saúde e “profissionais do sexo”*: Um estudo sobre prostituição e direitos sexuais em um serviço de saúde especializado em IST-HIV/Aids. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Unifesp, Guarulhos, 2022. Orientação: Profª. Drª. Cynthia Andersen Sarti. Pesquisa apoiada e financiada com bolsa CAPES de mestrado.

<sup>3</sup> *Corpos desnudados: um estudo sobre mulheres, subjetividade e formas de erotização no mercado do sexo*. Projeto de Doutorado. Unifesp, Guarulhos, 2023. Orientação: Profª. Drª. Cynthia Andersen Sarti. Projeto apoiado e financiado pela FAPESP, processo nº 2023/07384-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

relativas a HIV/Aids<sup>4</sup>, nas suas interações com os profissionais de saúde do local. As observações e entrevistas foram realizados no Centro de Testagem e Acolhimento (CTA) da instituição, responsável por oferecer serviços ambulatoriais de testagem e acolhimento em IST-HIV/Aids. Foram tomados como referência para a análise dos dados as problemáticas que envolvem os discursos dos direitos sexuais, os discursos das políticas de saúde, dos movimentos feministas e dos movimentos de trabalhadoras sexuais, considerando como tais discursos enquadram e produzem normatizações, cada um à sua maneira, sobre a prostituição e sobre a trabalhadora sexual, a partir de produções simbólicas e morais.

Entre os resultados aos quais a pesquisa chegou, estava a diversidade de trabalhos sexuais<sup>5</sup> exercidos pelas mulheres entrevistadas, que não se limitavam ao exercício das formas mais tradicionais de prostituição, mas abrangiam também a produção de pornografia e uma relevante presença nas mídias sociais (Agustín, 2005; Parreiras, 2012). Ao tomar como referência os discursos dos movimentos de prostitutas e de movimentos feministas, além dos discursos dos direitos sexuais e do campo da saúde, pude perceber que persistem nesses campos tensões e desacordos na discussão sobre os aspectos do erotismo e da sexualidade que constituem a prostituição, visto que as discussões em torno dessa questão tendem a centrar-se em problemas relativos a trabalho, saúde, direitos e cidadania (Rago, 1990; Martin, 2003; Piscitelli, 2005), eludindo a sexualidade. Como argumentou Olivar (2012), mesmo o campo dos direitos sexuais tende a centrar-se em questões de saúde, reprodução e violência, demonstrando uma relação conflituosa com a sexualidade em sua dimensão do erotismo.

Como desdobramento das questões que emergiram no mestrado, propus para o doutorado investigar o trabalho sexual e a prostituição tomando a sexualidade e o erotismo como elementos que lhes são constitutivos e fundamentais para a sua discussão. Se para Bataille (1987) o erotismo representa a transgressão do interdito sexual<sup>6</sup>, podemos

---

<sup>4</sup> A instituição em questão é o Centro de Referência e Treinamento-DST/AIDS-SP (CRT-DST/AIDS), serviço ligado à Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo e localizado na zona sul de São Paulo, no bairro da Vila Mariana. Disponível em: <https://saude.sp.gov.br/centro-de-referencia-e-treinamento-dstaids-sp/>. Acesso em: 08 de julho de 2024.

<sup>5</sup> O termo “trabalho sexual” é central no debate atual sobre prostituição e refere-se à sua reivindicação como um trabalho pelos movimentos de prostitutas e trabalhadoras sexuais. Seu uso também é pertinente por contemplar a pluralidade de formas de se trabalhar com sexo e a diversidade constitutiva do mercado do sexo (Agustín, 2005). Ao longo do texto, utilizo ambos os termos, compreendendo que a pluralidade de nomenclaturas é em si uma questão a ser investigada.

<sup>6</sup> Gregori (2011) observa a emergência, nas últimas décadas, de uma nova concepção de erotismo, que se desloca do tradicional sentido de transgressão para um foco no exercício politicamente correto da

compreendê-lo como correspondente à dimensão do desejo e do prazer envolvidos no exercício da sexualidade, visto que nele o corpo é construído como objeto de desejo. Interessa-me, então, refletir sobre o que a prostituição produz e significa em termos de desejo e prazer, o que implica em compreender como ela incide sobre a subjetividade das mulheres que a exercem.

A pesquisa de doutorado tem como problema, portanto, investigar mulheres como sujeitos sociais quando sua existência é forjada a partir da experiência no mercado do sexo, considerando o trato da sexualidade e as formas de erotização produzidas nesse contexto como locus fundamental da análise. A pesquisa de campo consistirá em uma etnografia multi-situada (Marcus, 1995) e será iniciada com o aprofundamento da interlocução com duas das mulheres entrevistadas durante a pesquisa de mestrado, Raíssa e Natália<sup>7</sup>, que serão o eixo e o fio condutor da pesquisa, através do acompanhamento contínuo e aprofundado de suas vidas cotidianas (Das, 2020). A partir da interlocução com elas, pretendo aproximar-me também a outros sujeitos, espaços e dinâmicas que se relacionam com o mercado do sexo aos quais elas estão de alguma forma conectadas.

A seguir, descrevo como a pesquisa de campo realizada durante o mestrado permitiu-me compreender a diversidade do mercado do sexo existente na cidade de São Paulo, a partir dos trabalhos sexuais descritos pelas interlocutoras da pesquisa. Em seguida, apresento as duas interlocutoras que serão o eixo e o fio condutor da pesquisa de doutorado. Descreverei os tipos de trabalho sexual que essas mulheres realizam e como se inserem no mercado do sexo, com o objetivo de refletir sobre como elas elaboram sua experiência e expressam sua subjetividade neste contexto. O estreitamento da interlocução com elas possibilitou-me, pois, conhecer e acessar eventos ligados ao mercado do sexo, os quais também descrevo aqui, e que reúnem indivíduos e comunidades diversos, engajados em distintas formas de expressão da sexualidade. O conteúdo apresentado aqui enuncia, portanto, as questões que orientam e que serão desenvolvidas ao longo da pesquisa de doutorado.

### **A diversidade do mercado do sexo observada durante a pesquisa de mestrado**

A pesquisa de mestrado foi inicialmente desenvolvida visando investigar a prostituição feminina, compreendida aqui como trabalho que envolve a realização de

---

sexualidade, centrado no autocuidado e no fortalecimento do 'self', sendo construído no contexto dos discursos dos movimentos feministas e LGBTQ+.

<sup>7</sup> Todos os nomes utilizados aqui são fictícios, a fim de preservar a identidade das interlocutoras da pesquisa.

encontros sexuais mediante compensação financeira ou material. O projeto, então, dialogava e pretendia se somar à bibliografia e o campo de estudos nas ciências sociais que há décadas estuda a prostituição exercida por mulheres (Gaspar, 1988; Piscitelli, 2007; Pasini, 2000). Estas bibliografias que me serviram de referência produziram estudos em zonas tradicionais de prostituição em diferentes cidades brasileiras, além de se dedicarem à prostituição exercida em ruas, boates, apartamentos e clínicas de massagem. Eram esses os territórios e modalidades de trabalho que eu também esperava encontrar em minha experiência de campo, através de minhas interlocutoras, e de fato eu pude encontrá-los.

Entretanto, também encontrei outras dinâmicas que os extrapolavam. O que pude notar é que o trabalho de algumas das minhas interlocutoras não se limitava a realizar programas sexuais, além de ser apoiado grandemente no uso das tecnologias e das mídias sociais digitais<sup>8</sup>. Algumas destas mulheres participavam de filmes pornográficos, realizados por produtoras profissionais ou feitos de maneira independente, visando a postagem em sites da internet. Outras não trabalhavam com a produção de pornografia, mas utilizavam sites específicos para o anúncio e agendamento de programas, como o “vivalocal.com” e o “photoacompanhantes.com”<sup>9</sup>.

Destas, havia duas mulheres que, por razões distintas, trabalhavam com um nicho específico de práticas sexuais: O BDSM (sigla para Bondage, Dominação, Disciplina, Submissão, Sadismo e Masoquismo), também chamado por elas de *sado* ou *bondage*<sup>10</sup>. Uma delas é Natália, que se tornou uma das principais interlocutoras da pesquisa de doutorado, e sobre quem falarei mais adiante.

A diversidade de dinâmicas de trabalho sexual observadas no serviço de saúde estudado era acompanhada também pela pluralidade de nomenclaturas usadas para referir-se à prostituição e aos trabalhos com sexo, mobilizadas tanto pelos profissionais e

---

<sup>8</sup> Por mídias sociais digitais compreendo aqui espaços de comunicação existentes na internet, especialmente a partir de sites e aplicativos, que permitem a conexão, a interação e a produção de conteúdo entre seus usuários. Por propiciarem maior capacidade interativa entre os usuários, as mídias sociais digitais são compreendidas a partir do marco da “Web 2.0” (Parreiras, 2012).

<sup>9</sup> Tanto o site “vivalocal.com” quanto o “photoacompanhantes.com” foram mencionados por minhas interlocutoras como espaços digitais para a postagem de anúncios de programas sexuais. Enquanto o “vivalocal.com” se caracterizava como um site gratuito onde eram postados quaisquer tipos de anúncios, o “photoacompanhantes.com” oferecia versões gratuitas e pagas, e funcionava exclusivamente para a postagem de anúncios de programas sexuais. Disponível em: <<https://www.photoacompanhantes.com/>> e <<https://www.vivalocal.com/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

<sup>10</sup> Os termos marcados em itálico referem-se a categorias êmicas, ou seja, categorias mobilizadas pelas interlocutoras em campo. Utilizo o itálico também para ressaltar as falas de minhas interlocutoras durante a pesquisa de campo.

saúde quanto pelas mulheres entrevistadas. Os profissionais de saúde usavam de maneira padrão o termo *profissional do sexo*. Já entre as mulheres, os nomes mais comumente usados eram *acompanhante* e *garota de programa*<sup>11</sup>.

Considerando a pluralidade de formas de trabalho com sexo observadas na pesquisa de campo, tornou-se evidente a necessidade de não me limitar a uma definição única de prostituição feminina. Minha investigação de mestrado teve de se deslocar então para a compreensão dos diferentes tipos de trabalho sexual exercidos por mulheres, cuja diversificação se acentuou diante das possibilidades do mundo digital<sup>12</sup>. Trabalhos estes que trazem consigo novas práticas, identidades e significados.

Agustín (2005) atenta para a necessidade de que pensemos não apenas na noção de prostituição, visando suas formas mais comuns, mas que consideremos a existência de uma indústria do sexo (*sex-industry*), que abrange “todos os bens comerciais e serviços de natureza erótica e sexual” (p. 618, tradução minha), e que seja pensada dentro de contextos culturais amplos. Isso implica debater não apenas sobre os sujeitos que ofertam serviços sexuais, mas também quem os consome, assim como os lugares ocupados por essa indústria e os produtos e serviços que a compõem, incluindo as novas ferramentas tecnológicas e digitais. É nesse sentido que a autora aponta que “nos deparamos não com a prostituição, mas com uma diversidade de trabalhos sexuais” (p. 618). Ademais, Gregori (2011) nos mostra como essa indústria, ou esses mercados sexuais e eróticos, como ela os chama, não se limitam à oferta de sexo comercial, mas se articulam em torno também de outros bens e serviços<sup>13</sup>.

Ao eleger a instituição de saúde como local de realização da pesquisa de campo do mestrado, obtive como consequência positiva a possibilidade de chegar a mulheres que exerciam o trabalho sexual em diferentes contextos e sob diferentes dinâmicas, possibilitando a compreensão sobre o quão diverso e complexo é o mercado do sexo na cidade de São Paulo. É a partir deste momento, inclusive, que passo a utilizar o termo

---

<sup>11</sup> Discuti a questão da pluralidade de nomes e de dinâmicas de trabalho sexual em um artigo que integrou o intitulado *Putá Livro* (Campos, 2022b). Nele discuti a pluralidade de nomes observados no serviço de saúde estudado, e como cada um deles evocava sentidos distintos acerca do trabalho sexual.

<sup>12</sup> Nesse sentido, a partir da configuração do trabalho sexual hoje, tal como anteriormente descrita, ressaltamos a necessidade de se considerar a presença no mundo digital como constitutiva das vidas dessas mulheres, sendo intercambiáveis e complementares aos acontecimentos de suas vidas “offline”, o que requer a compreensão e o aprofundamento durante a pesquisa na discussão sobre a prática etnográfica nos espaços digitais (Hine, 2015; Segata & Rifiotis, 2016).

<sup>13</sup> A autora investiga, por exemplo, a formação de novos mercados sexuais voltados para mulheres de camadas médias, como a disseminação de *sex-shops* para este público, não associados à prostituição e, sim, em torno de noções de prazer sexual amparadas em discursos que advogam uma sexualidade politicamente correta.

“trabalho sexual” com mais frequência para referir-me aos trabalhos descritos por minhas interlocutoras.

A compreensão sobre a diversidade constitutiva do mercado do sexo foi relevante, pois, para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado que veio a seguir. Após a conclusão da pesquisa de mestrado, mantive e estreitei o contato com duas das mulheres entrevistadas, Raíssa e Natália. Deste aprofundamento da interlocução com elas, surgiu a oportunidade de acompanhá-las em eventos e lugares nos quais se organiza o mercado do sexo existente na cidade de São Paulo. Apresentarei e discutirei mais adiante algumas notas produzidas neste contexto. Antes disso, é pertinente apresentar essas duas mulheres, descrevendo o tipo de trabalho sexual que realizam e como elaboram sua experiência a partir dele.

### **Raíssa, Natália e o trabalho como *acompanhante***

Raíssa e Natália, nomes fictícios, foram mulheres que conheci no ambulatório onde realizei a pesquisa anterior. Naquela ocasião, ambas trabalhavam com programas sexuais e com a produção de pornografia e conteúdo erótico para as mídias digitais e demonstraram nas entrevistas uma visão estratégica sobre seu trabalho, apresentando-se como *acompanhantes*, atribuindo um sentido específico ao trabalho sexual. No relato de ambas as mulheres, ser *acompanhante* estava ligado a uma relação de envolvimento com o trabalho sexual e de criação de vínculo com os clientes, ainda que circunscrito dentro de contextos profissionais, o que estava associado à afirmação de satisfação pessoal e financeira. Elas afirmavam usar a pornografia e as postagens nas redes sociais como instrumento de divulgação de seu trabalho de *acompanhante* e aquisição de prestígio no mercado do sexo.

Raíssa e Natália estão inseridas no cenário específico e atual do mercado do sexo que pude observar ainda na pesquisa de mestrado e que parece especialmente relevante na cidade de São Paulo, no qual a prostituição se mostra articulada à pornografia e à presença nas redes sociais digitais<sup>14</sup>. O trabalho destas mulheres não pode, portanto, ser dissociado desta nova configuração do mercado do sexo e das plataformas digitais, que emerge a partir da chamada “web 2.0”, na década de 2000, na qual os papéis de produtores e consumidores de conteúdo no mundo digital se fundem, tendo impacto inclusive sobre

---

<sup>14</sup> A retomada da interlocução com elas me mostrou que as atividades das quais elas participam não se restringem à produção de conteúdo pornográfico e à realização de programas. Elas incluem também a participação em eventos e a inserção em comunidades específicas, como será discutido adiante.

a produção e consumo de pornografia e de conteúdo erótico (Parreiras, 2012). Neste contexto do trabalho sexual, as mulheres produzem “pornificações de si”, ou seja, produções discursivas e imagéticas do corpo e da sexualidade feminina no âmbito da pornografia (Baltar, 2018).

Apesar das semelhanças em suas dinâmicas de trabalho, as interlocutoras também apresentam diferenças no que se refere aos seus perfis socioeconômicos, como o fato de Raíssa ser uma mulher negra e Natália uma mulher branca<sup>15</sup>. Elas também apresentam diferenças na forma de lidar com o trabalho sexual em suas vidas. Enquanto Raíssa busca delimitar de forma clara as fronteiras entre sua vida privada e sua vida profissional, Natália afirma ter todas as dimensões de sua vida atravessadas pela identificação com o BDSM (sigla para Bondage, Dominação, Submissão e Masoquismo), sendo esta a sua motivação para trabalhar com sexo e o motor de sua busca por prazer e satisfação em sua vida pessoal.

### **Raíssa e o trânsito de identidades**

A delimitação que Raíssa promove entre sua vida privada e vida profissional é materializada na criação de uma identidade específica, que recebe o nome de Valéria. Valéria tem suas próprias perucas, roupas e acessórios, guardados cuidadosamente em um quarto separado na casa de Raíssa. Não se trata apenas de um “nome de guerra” (Lopes, 2022), de uso efêmero e ocasional, cuja função é ocultar o uso do nome de batismo no contexto do trabalho sexual. Valéria representa antes uma identidade que abarca práticas e uma forma específica de agir e se relacionar, estrategicamente pensadas para a vivência no mercado do sexo. Práticas essas que não são as mesmas utilizadas por Raíssa em sua intimidade.

Raíssa, por exemplo, se avalia como uma pessoa doce, ao passo que Valéria é assertiva e intimidadora. Valéria é quem atende os seus *namoradinhos de luxo* e lida com as trabalhadoras sexuais com quem contracena, além de lidar com as produtoras de vídeos de fetiche com as quais trabalha. Raíssa, por outro lado, faz questão de falar com sua mãe todos os dias. O trabalho sexual é uma missão que Valéria assume de forma profissional, mas que dificilmente representa os desejos sexuais de Raíssa.

---

<sup>15</sup> Além disso, Raíssa possui duas formações no ensino superior, em direito e pedagogia. Dados socioeconômicos como estes serão devidamente considerados nas análises desenvolvidas ao longo da pesquisa de doutorado.

Raíssa inclusive olha com receio alguns dos trabalhos que Valéria realiza, e se pergunta sobre as implicações morais deles. Ao lembrar uma *seção de fetiche*<sup>16</sup>, por exemplo, na qual Valéria assumiu o papel de dominadora, com o dever de bater na trabalhadora sexual que ocupava a posição de submissa, Raíssa se questionou: *será que estou contribuindo com a violência contra a mulher?*

Raíssa também faz questão de dizer que não encarna Valéria o tempo todo. Após ser apresentada a Natália, por exemplo, Raíssa desabafou: *como ela consegue viver nesse mundo o tempo todo? Como ela consegue ser acompanhante e do BDSM o tempo todo? Eu preciso ser outras coisas, viver outras coisas.* Em um encontro que eu, minha orientadora e uma outra pesquisadora tivemos com ela, Raíssa nos afirmou gostar de estar ali apenas como mulher e não como trabalhadora sexual: *aqui somos mulheres, conversando entre mulheres.* Posteriormente ela me disse: *Ninguém nunca me tratou com tanto respeito como você e suas professoras.* Inegavelmente, o gênero é um facilitador deste processo etnográfico, sendo fundamental para o fortalecimento do vínculo com as interlocutoras, desde um lugar *entre mulheres.*

A delimitação que Raíssa apresenta entre sua vida pessoal e profissional, encarnada na identidade de Valéria, é algo que também pude observar no relato de outras mulheres que entrevistei para a pesquisa de mestrado. Naquele contexto, tomei como referência o trabalho de Gaspar (1988), que, ao produzir um dos primeiros trabalhos etnográficos sobre prostituição no Brasil, trouxe uma reflexão sobre a identidade social da prostituta, a partir das formulações de Goffman (1988) sobre estigma. A autora compreende que a delimitação da prostituição como vida profissional, separada da vida pessoal caracteriza uma estratégia usada pelas mulheres para lidar com o estigma que advém dela. Na medida em que se delimita a prostituição ao âmbito do trabalho, se delimita também a figura da prostituta a esse âmbito, preservando a mulher que existe em sua vida pessoal. Em outras palavras, reservar a prostituição para a esfera do trabalho, permite afirmar que a mulher que a exerce não é prostituta todo o tempo, preservando parte de sua identidade pessoal.

Este tipo de estratégia pode ser compreendida dentro do que Gaspar classifica como a “divisão simbólica do eu”, que se refere a uma atitude de afastamento e

---

<sup>16</sup> Cabe ressaltar que tanto Raíssa quanto Natália afirmaram haver diferenças entre um programa e uma *seção de fetiche*. Segundo elas, as seções de fetiche têm como objetivo a realização de um fetiche do cliente (como o fetiche por pés ou por apanhar, por exemplo), sem necessariamente pressupor uma relação sexual, e podem ser mais caras do que os programas.

distanciamento dos clientes e do que a prostituição representa moralmente, a partir do controle das emoções e também do cuidado com o corpo e a higiene, tal como Pasini (2015) observa e descreve como “limites simbólicos corporais”.

Considerando o problema e os objetivos colocados pela pesquisa de doutorado em andamento, interessa-me compreender não apenas os mecanismos pelos quais Raíssa faz a gestão do trabalho sexual em sua vida, mas também qual a repercussão disso em sua subjetividade. Investigar como essa mulher transita entre as identidades de Raíssa e Valéria requer entender o contexto do mercado do sexo no qual ela se encontra, com as questões que ele impõe (como as questões morais levantadas pela prática de certos fetiches, como mostrado), como ela lida com essas questões, e o que elas dizem sobre a concepção que ela tem de si mesma como sujeito.

### **Sobre Natália**

Se Raíssa faz uma gestão do trabalho sexual visando demarcar sua identidade pessoal de sua identidade profissional, Natália afirma ter todas as dimensões de sua vida atravessadas pela identificação com o BDSM. Assim como Raíssa, Natália também tem um nome pelo qual é conhecida no mercado do sexo. Porém, ela não faz uma separação rigorosa entre sua identidade pessoal e profissional, e afirma que é o BDSM que dá sentido a ambas, sendo o motor do seu desejo e satisfação sexual, e ao mesmo tempo a sua motivação para trabalhar com sexo.

Natália é conhecida por ser uma *sub brat*. Ou seja, ela desempenha um papel de submissão nos jogos e práticas BDSM, sendo o *spanking* (ou apanhar), a prática que lhe dá mais prazer. Porém, como uma *sub brat*, ela performa a submissão ao mesmo tempo em que afronta e provoca seus dominadores<sup>17</sup>. Quando a conheci, durante a pesquisa de mestrado, ela enfatizou que começou a trabalhar como *acompanhante* e a gravar conteúdo pornográfico com a missão de *mostrar para as pessoas que existe prazer de formas diferentes*, considerando que já era adepta do BDSM desde os seus 23 anos<sup>18</sup>.

Em nossos encontros, ela sempre fez questão de enfatizar a disciplina e a organização requeridas pelas práticas BDSM, o que é exemplificado nas muitas vezes em que me falava: *é tudo organizado, nada bagunçado!* Recentemente, Natália passou a falar sobre o sucesso e o reconhecimento que começou a experimentar no meio BDSM: *As*

---

<sup>17</sup> Natália desempenha o papel de *sub brat* nos trabalhos como *acompanhante*, na produção de conteúdo erótico e nas demais relações de sua vida sexual e afetiva.

<sup>18</sup> Ela tem atualmente 37 anos.

*peessoas me abordam na rua e falam “eu gosto dos seus vídeos” ... Eu sempre quis ter isso, e agora que eu tenho é estranho. Mas eu ainda sou uma pessoa normal.*

Falar em BDSM significa falar em práticas de Bondage, Dominação, Submissão e Masoquismo, mas sobretudo implica na:

Organização de uma comunidade que imagina a si mesma a partir da adesão a um conjunto diverso de práticas eróticas e a noções relacionadas à consensualidade e à segurança, marcadas pela (des)identificação com perspectivas patologizantes (Facchini & Machado, 2013)

Assim, o universo BDSM corresponde simultaneamente a um nicho do mercado do sexo e a uma comunidade política, além de estar relacionado (seja por identificação ou por contraponto) a um discurso biomédico de normatização da sexualidade. O pertencimento à comunidade BDSM implica, pois, na produção de subjetividades e de agenciamentos coletivos. É isso que percebo através do acompanhamento de Natália. A interlocução com ela permite-me conhecer e investigar uma experiência no mercado do sexo que é singular em relação a de outras interlocutoras, uma vez que sua inserção neste é pautada não apenas pelo exercício do trabalho sexual, como pelo pertencimento a esta comunidade específica.

### **Explorando outras faces da diversidade do mercado do sexo em São Paulo**

Convém reafirmar que mantive o contato com Raíssa e Natália desde a realização da pesquisa de campo do mestrado, em 2020, e minha interlocução com ambas as mulheres se estreitou de forma espontânea ao longo dos últimos anos. Como consequência disso, ambas manifestaram o interesse em participar de uma nova pesquisa. Recentemente, Natália passou a me convidar para eventos ligados ao mercado do sexo, e tive a oportunidade de acompanhá-la em duas festas voltadas para criadores de conteúdo erótico e/ou pornográfico, de cuja organização ela participa. Tive também a oportunidade de fazer uma visita com ela a uma casa noturna que promove apresentações e performances ligadas à sexualidade<sup>19</sup>.

A seguir, apresento uma breve descrição destes eventos, a fim de demonstrar como a experiência de Natália no mercado do sexo não se restringe ao trabalho sexual,

---

<sup>19</sup> Os eventos em que estive presente foram abertos ao público e neles tomei notas de campo, sem realizar qualquer outro tipo de registro, como gravações e filmagens. No momento da escrita deste texto, em julho de 2024, o projeto de pesquisa de doutorado se encontra em fase de apreciação no Comitê de Ética (CEP) da Unifesp, cuja aprovação possibilitará retomar a realização de entrevistas gravadas com as interlocutoras da pesquisa, além de outras formas de registro de dados de campo.

abrangendo outros tipos de relações. Pretendo também mostrar como esses eventos evidenciam uma face ainda mais diversificada do mercado do sexo do que eu havia observado durante a pesquisa do mestrado. Neles, pude observar a circulação e a interação de sujeitos diversos, trabalhadores sexuais ou não, além da presença de marcas e lojas de “sex shop” distribuindo brindes, bem como a presença de divulgadores de plataformas e aplicativos digitais voltados para a produção e compartilhamento de conteúdo erótico e/ou pornográfico, também chamados de *conteúdo adulto*.

Trata-se de serviços e produtos que compõem o mercado do sexo existente na cidade de São Paulo, e que não se restringem à oferta de sexo pago em programas ou à comercialização de conteúdo pornográfico. São produtos e serviços que evidenciam e decorrem de novas práticas e normatizações da sexualidade, ocasionando na diversificação deste mercado erótico (Gregori, 2011).

É especialmente interessante olhar para as mulheres que participam deste universo social, inclusive nas posições de consumidoras e/ou empreendedoras, a fim de complexificar a análise das relações de gênero neste contexto (Piscitelli, 2005). Ademais, os serviços e dinâmicas observados permitem complexificar a própria noção de trabalho sexual. Afinal, neste mercado do sexo, quem é e quem não é trabalhadora sexual? O que caracteriza o trabalho sexual? São questões a serem desenvolvidas durante a pesquisa de doutorado.

\*\*\*

Participo de duas festas organizadas por Natália e alguns de seus amigos, que também exercem ou já exerceram alguma forma de trabalho sexual. O objetivo destas festas é reunir os *criadores de conteúdo*, ou seja, as pessoas que produzem conteúdo erótico, fetichista ou pornográfico para a postagem em redes sociais, sites e aplicativos digitais<sup>20</sup>. A intenção de Natália é produzir edições desta festa ao longo do ano, sempre em datas temáticas. A primeira edição foi a de carnaval, e participei das edições de páscoa e festa junina.

A festa ocorre às sextas-feiras, em uma *casa liberal* localizada na zona sul de São Paulo. Os painéis presentes na recepção do local anunciam os diferentes eventos promovidos ali, nos quais a interação sexual é permitida: *noite gay, só para mulheres*,

---

<sup>20</sup> Natália e Raíssa, por exemplo, já me falaram sobre seus perfis no Privacy, um aplicativo digital que se define como “a maior rede da América Latina de monetização de conteúdo online”, sendo comumente utilizado por trabalhadoras sexuais. Disponível em: <https://privacy.com.br/About>. Acesso em: 28 de junho de 2024).

*noite dos criadores, troca de casais*, entre outros. Ao conversar com uma *sexóloga liberal* que conheci na festa, ela me explica a definição do termo *liberal*, em sua concepção. Segundo ela, *liberal* começou a ser utilizado com frequência a partir de 2010, com o propósito de substituir o termo *swing*, que se refere à troca de casais durante relações sexuais. As casas noturnas, antes chamadas de *casas de swing*, passaram a denominar-se *casas liberais* como estratégia de afastar-se do estigma ligado ao *swing*. Ela afirma, porém, que o termo *liberal* abrange mais práticas e comunidades sexuais além do *swing*, a exemplo daquelas anunciadas nos painéis antes mencionados.

Em ambas as festas, Natália nos apresentou a diversos *criadores de conteúdo*, alguns ligados ao BDSM, outros muito conhecidos nas mídias digitais. Entre eles estava Jéssica, uma *domme* (ou dominadora) BDSM, que vinha acompanhada de sua *submissa*. Jéssica convidou a mim e a minha amiga para ficarmos próximas a ela durante a festa, nos dizendo: *Se algum homem assediar vocês me avisem, que nós damos um jeito*. Em seguida nos tranquilizou: *Festa com criador de conteúdo é mais de boa em relação a assédio do que balada hétero. Aqui vocês não vão ver muito sexo rolando, porque a galera já trabalha com isso a semana inteira. Agora festa de swing, sim, tem bastante sexo*.

Em ambas as festas, observei Natália e outros *criadores de conteúdo* dando entrevistas para *produtores* e canais digitais e/ou de televisão focados em *entretenimento adulto*. Igualmente, havia a presença de representantes de “sex shops” que distribuía brinde e faziam um trabalho de divulgação no local. Havia também representantes de plataformas digitais voltadas para a produção e o compartilhamento de conteúdo erótico e/ou pornográfico. Por exemplo, uma representante da Buupe<sup>21</sup> se oferecia para tirar fotos das pessoas presentes na festa e, em seguida, fazia a divulgação do aplicativo. *Caso vocês queiram começar a produzir conteúdo também, meninas*.

Na primeira festa, tivemos a oportunidade de assistir a uma seção de BDSM da qual Natália participou, em um quarto privado de temática fetichista. Natália apanhou de duas mulheres dominadoras (as *dommes*) enquanto as afrontava, performando o papel de *sub brat*. Conforme apanhava, Natália parecia encarnar uma personalidade diferente. Ela ria e seu tom de voz mudava, ficando mais agudo. Não houve sexo explícito durante a seção, que consistiu inteiramente no *spanking*. O que presenciamos foram tapas,

---

<sup>21</sup> Outro aplicativo de divulgação de conteúdo pago, tal como o Privacy. Segundo consta no website: “Compra e venda de Packs e Fotos de Pé, Vídeos de sexo, Ensaio Sensuais e muito mais!” Disponível em: <https://www.buupe.com/register> Acesso em: 28 de junho de 2024.

sobretudo nas nádegas e com chicotes, enforcamento e apertões nos mamilos de Natália. Algumas pessoas assistiam à cena, além de minha amiga e eu. Apesar do público, Natália revelou não se sentir compreendida por outras pessoas da comunidade *liberal*: *Às vezes assusta as pessoas*, disse.

Coincidentemente, algumas semanas após a primeira festa, nos stories de seu Instagram, Raíssa (a outra interlocutora da pesquisa) admitiu também se identificar o *meio liberal*, e afirmou ter frequentado festas *liberais*, nas quais sente que pode ser ela mesma. Ela afirma que inicialmente teve dificuldades em reconhecer sua identificação com este meio: *até pela forma como nós mulheres somos ensinadas a lidar com a sexualidade*.

Pensando em compreender melhor os eventos que reúnem *criadores de conteúdo* e pessoas ligadas ao BDSM, ao *swing* e ao meio *liberal*, propus a Natália que fizéssemos uma visita a outra casa noturna. Essa casa, localizada no centro da cidade, tinha como proposta apresentar ao público performances e apresentações relacionadas à sexualidade, mas sem que houvesse nudez completa ou sexo explícito. Na noite em que a visitamos, alguns amigos de Natália apresentariam performances de práticas BDSM. As apresentações da noite também incluíam *strip-tease*, *shibari* (amarrações no corpo) e *pole-dancing*, entre outras.

Ao término das performances, e estando atenta às interações entre Natália e seus amigos, ela vem até mim e resume a noite da seguinte maneira:

*É por isso que eu queria que você viesse em lugares como este, que você conhecesse essas pessoas... Uma acompanhante não é só uma acompanhante, engloba muito mais... tem o fetiche, tem a necessidade de um cliente que a gente supre no atendimento, sim..., mas não é só isso.*

\*\*\*

A fala de Natália revela os sentidos que ela atribui à sua experiência no mercado do sexo. Ser *acompanhante* significa estar imersa no conjunto de relações que constitui este universo social, e que não se restringe ao trabalho sexual. A experiência de Natália é construída no fato de ela ser uma trabalhadora sexual, mas também é construída a partir de seu desejo e identificação com a comunidade BDSM, e com as relações que tece nesta comunidade. Ao enfatizar que *uma acompanhante não é só uma acompanhante*, Natália mostra uma vivência mais ampla neste mercado do sexo cada vez mais diversificado. Ela

é uma trabalhadora sexual, uma *acompanhante*, mas sua entrada e permanência neste universo não são pautadas apenas por razões profissionais ou financeiras, e são antes produtoras de uma subjetividade.

## **Conclusão**

Propus apresentar neste trabalho o problema e as questões que compuseram minha pesquisa de mestrado e como elas integram a pesquisa de doutorado em desenvolvimento. Procurei demonstrar como a realização da pesquisa de campo em um serviço de saúde especializado em questões de IST-HIV/Aids, permitiu-me compreender a diversidade do mercado do sexo existente na cidade de São Paulo, através da interlocução com mulheres que exerciam o trabalho sexual em dinâmicas e contextos que não se restringiam à definição tradicional de prostituição, baseada na oferta de programas sexuais.

A partir disso, apresentei as duas interlocutoras da pesquisa cuja participação se estenderá ao longo da pesquisa de doutorado, a qual será desenvolvida com base no acompanhamento contínuo e aprofundado de suas vidas cotidianas. Ao discorrer sobre Raíssa e Natália, objetivei mostrar como elas se inserem no mercado do sexo, no que diz respeito aos trabalhos que exercem e a como fazem a gestão de suas vidas profissionais. Contudo, ao descrever suas formas de incursão e engajamento no mercado do sexo, meu objetivo principal é discutir o que isso representa em termos de experiência, e como tal experiência repercute na subjetividade dessas mulheres e na noção que elas formulam de si como sujeitos.

Procurei mostrar como Raíssa transita neste universo social tomando como estratégia a mobilização de uma identidade profissional, responsável por demarcar a fronteira entre seu trabalho como *acompanhante* e sua vida pessoal e afetiva. Por outro lado, demonstrei como Natália tem todas as dimensões de sua vida atravessadas pela sua identificação com as práticas BDSM, de modo que sua experiência no mercado do sexo não se restrinja à realização do trabalho sexual, mas seja também influenciada pela sua vivência e pelas relações que constrói neste meio.

As notas de campo que descrevem os eventos aos quais fui acompanhada de Natália exemplificam a diversificação do mercado do sexo na cidade de São Paulo, no qual transitam distintos sujeitos através da oferta de diferentes produtos e serviços. Porém, mais do que investigar esta diversificação em si, e o que ela revela em termos de práticas e normatizações sexuais, interessei-me em adentrar na discussão sobre o que ela produz em termos de experiência e subjetividade. Ao afirmar que *uma acompanhante não*

é só uma acompanhante, Natália abre a possibilidade de se discutir quais relações e sentidos amparam e, ao mesmo tempo, decorrem do trabalho sexual. São estas as questões que pretendo investigar com profundidade e responder, em alguma medida, durante a pesquisa de doutorado.

## Referências

AGUSTÍN, Laura María. New research directions: The cultural study of commercial sex. *Sexualities*. (8): 618-631, 2005.

BALTAR, Mariana. Corpos, pornificações e prazeres compartilhados. In: *Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine e Audiovisual*. nº 18. pp 564-588. 2018. Disponível em: <http://asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/1665/1387>. Acesso em 14 dez 2021.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: L&PM Editores S/A. 1987.

CAMPOS, Carla B. *Entre profissionais da saúde e “profissionais do sexo”*: Um estudo sobre prostituição e direitos sexuais em um serviço de saúde especializado em IST-HIV/Aids. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Unifesp, Guarulhos, 2022a.

CAMPOS, Carla B. Entre os mercados do sexo e a pandemia: um estudo com mulheres profissionais do sexo em um serviço de saúde na cidade de São Paulo. IN: DONINI, Angela; MURRAY, Laura; MARITZA, Naara; LOPES, Natânia; ROSA, Patrícia (orgs). *Putá livro*. Rio de Janeiro, RJ: Editora da autora, pp. 486-499. 2022.

DAS, Veena. *Vida e Palavras: A Violência e sua Descida ao Ordinário*. Trad. de Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp. 2020.

FACCHINI, R., & MACHADO, S. R.. (2013). "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud Y Sociedad* (Rio de Janeiro), (14), 195–228. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200014>

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: a prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1988.

GREGORI, Maria Filomena. Mercado erótico: notas conceituais e etnográficas. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (org). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU. pp. 461-490. 2011.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. LTC, 1988.

HINE, C. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

LOPES, Natânia. *Fabulação auto etnográfica: experiência e posição numa pesquisa sobre*

“prostituição de luxo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 65, p. e226506, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672042>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MARCUS, G.E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24 No. 1, pp. 95-117. 1995.

MARTIN, Denise. *Riscos na Prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP. 2003.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis? *Sex., Salud Soc.* (Rio J.), n. 11, p. 88-121. 2012.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos Pagu*. Campinas. (38), pp 197-222. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Jq6mhzRCpqw5PSScSfCTbbK/?lang=pt>. Acesso em 14 dez 2021.

PASINI, Elisiane. *Corpos em evidencia, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. 2000. 158p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279027>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*. Campinas. n. 14, p. 181–200. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635351>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu*, (25), 7-23. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200001>. Acesso em: 20 ago 2020.

PISCITELLI, Adriana. Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista História & Perspectivas*, 1(35). 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19060>. Acesso em 20 ago 2020.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1991.

SEGATA, Jean; THEOPHILOS Rifiotis (Org.) *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília: ABA Publicações. 208p. 2016.

